



JORDAN LEES

Só a verdadeira
magia pode libertar
os esquecidos.

Um mundo de
segredos e missões
inesperadas.

Os WHISPERWICKS

A Maldição dos
Arrebatados

ILUSTRADO POR VIVIENNE TO



Para a minha família





ÍNDICE



1. Sobre o Desfile Extraordinário	13
2. Sobre o rapaz na livraria	29
3. Sobre as mariposas impossíveis	45
4. Sobre o fazedor de mapas caído em desgraça	63
5. Sobre a mansão na floresta	83
6. Sobre a árvore de pedra-feiticeira	103
7. Sobre o guisado de sanchas	123
8. Sobre os livros de feitiços	139
9. Sobre a Rainha-Pirata	163
10. Sobre Bolly Pondwater	187
11. Sobre os Contrários	205
12. Sobre os lobos do rio	229
13. Sobre o Baile do Demónio	249
14. Sobre os presentes do Solstício de Verão	277
15. Sobre a coroa de ossos	295
16. Sobre a besta de Farthing Town	317
17. Sobre a Floresta da Bruxa	341
18. Sobre a torre na colina	363
19. Sobre a chave da porta	385
20. Sobre a Follynook	415
21. Sobre voltar a casa	435
Agradecimentos	445



PRIMEIRO TESTE



SEGUNDO TESTE



? ? TERCEIRO TESTE ?

QUARTO TESTE ?

S. Weaver

ANTIGO TENENTE DA
AGORA BANIDA COMPANHIA
DOS FAZEDORES DE MAPAS

BOSQUE
INSOLITO??

MARAVILHAS
MECÂNICAS
DO VELHO TUM

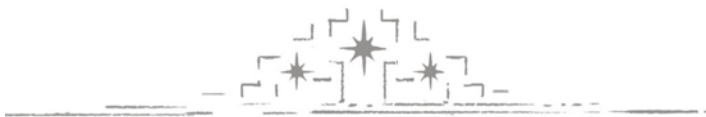
FARTHING
TOWN

QUINTO TESTE

PADARIA
PUFF &
LATTICE

22.ª CASA DOS
HOMENS
ENFORCADOS?

FLORESTA
DA BRUXA



O Festival do Solstício de Verão será sempre a época mais alegre e mágica do ano em Wreathenwold, uma época para celebrar o rico e misterioso folclore do nosso mundo. A magia forjada neste período é a mais forte e pura de todas as magias, tanto a boa como a suja.

O LIVRO DAS HISTÓRIAS QUASE INACREDITÁVEIS.
MILDRED FOGGE





CAPÍTULO UM

Sobre o Desfile Extraordinário

O desfile aconteceu na primeira noite do Solstício de Verão, sob as árvores-de-osso floridas e uma lua enevoadá.

Clarís Songwood estava sentada nos degraus da entrada, com o queixo apoiado nos joelhos dobrados e o rosto franzido. O irmão mais velho tinha sido malvado outra vez e ela recusava-se a entrar até que ele fosse devidamente castigado; de preferência, enviado para um colégio interno para rapazes horríveis. Mesmo quando a escuridão caiu e o calor do dia desapareceu, ninguém conseguiu convencer Clarís a voltar para casa.

— Então vou deixar isto aqui — disse a mãe.

Colocou uma caneca de chá de melaço quente no degrau de pedra ao lado da criança, e o vapor adocicado elevou-se e deixou-a com água na boca. Ainda assim, Clarís só deu

o primeiro gole depois de a mãe se ir embora. O sabor inundou-a, quente e deliciosamente açucarado.

Clarís olhou para o céu, observando a lua no seu xaile de nuvens finas e a profusão de estrelas. A brisa passava por entre as árvores-de-osso, que floresciam sempre no Solstício de Verão. Enchiam-se de pétalas de um lilás tão pálido que eram quase brancas. Fora isso, a rua estava silenciosa, e nada se movia além das árvores ondulantes.

Sentindo-se só, Clarís lançou o seu boneco — chamado Tya —, transformando-o num gato cor de mel. Tya aninhou-se no colo de Clarís, ronronando, enquanto esta lhe coçava a nuca.

— É um rapaz horrível, não é? — disse ela.

Tya miou, concordando.

— Devíamos fugir — continuou Clarís.

Tya já não se mostrou muito convencida com isso. Perderem-se no grande labirinto que era Wreathenwold significava muitas vezes nunca mais encontrar a própria casa. Clarís deu mais um gole no chá de melaço; a mãe sabia mesmo prepará-lo no ponto. Ela podia vaguear pelo labirinto inteiro e nunca mais encontrar nada com um sabor tão bom. Foi então que ouviu um rufar.

No início era um batimento profundo e constante, como um grande coração a pulsar nas profundezas da própria Terra. Depois, à medida que o som se tornava mais alto e mais evidente, apercebeu-se do tamborilar de tambores mais pequenos ao seu redor. Um arrepio desceu-lhe pelo pescoço. Será que era...? Clarís tinha 9 anos e nunca tinha

visto o Desfile Extraordinário; nunca se permitira acreditar que fosse algo mais do que uma lenda.

Os seus olhos fixaram-se no fundo da estrada, que fazia uma curva apertada por baixo de um arco de pedra coberta de musgo. O rufar aumentou. Claris levantou-se, com o coração a bater descompassado, enquanto Tya miava nervosamente no seu colo.

O desfile aproximou-se. À frente vinha o chefe da banda. Tinha membros compridos e musculados e vestia um casaco e uma capa de farda. Rodava um bastão de madeira enquanto dançava diante da coluna, e viam-se saltar brasas a cada floreado que fazia, formando círculos de partículas de fogo. Na cabeça, trazia uma cartola alta. A metade superior do rosto estava coberta com uma máscara prateada, que brilhava como luz líquida de estrelas.

A música enchia a rua à medida que o desfile avançava, formado por uma coluna de percussionistas e flautistas com casacos de farda, os joelhos subindo e descendo a um ritmo perfeito, enquanto as trompas soavam e os tambores tocavam. À sua volta havia dançarinos, saltando e girando, com fitas que flutuavam e ondulavam, presas nos cotovelos e joelhos. Alguns também tinham bastões que espalhavam brasas no ar escuro. Todos usavam máscaras.

Era um espetáculo saído diretamente de um sonho. Por aquela altura, já outras pessoas se tinham juntado a Claris na rua, crianças aos gritos com as suas toucas de dormir e adultos perplexos e surpreendidos. Bonecos transformados em veados, com as armações enfeitadas com fitas,



puxavam carroças das quais homens mascarados soltavam rajadas de moscas de açúcar: doces arredondados e esvoaçantes que tinham de se apanhar para se poderem saborear. Isto levou as crianças, incluindo Claris, a uma perseguição frenética e alegre, usando os seus bonecos para apanhar as deliciosas guloseimas.

Entretanto, a música aumentava, as brasas caíam e os dançarinos com fitas saltavam e rodavam como chamas. Enquanto saboreava uma mosca de açúcar, Claris viu que o chefe da banda tinha pegado na mão da velha Sra. Hundercliffe e dançava com ela à frente do desfile. A mulher tinha 82 anos, estava de camisa de noite e chinelos, mas divertia-se como nunca.

Dançarinos de máscara ofereciam porta-te-mal: flores esguias e de um branco baço. Pequenos bastões que largavam faíscas brilhantes quando giravam eram entregues às crianças. Havia centenas de moscas de açúcar. Tya, transformada em pardal, perseguia outra no meio da multidão de crianças delirantes.

— Oh, olhem! — exclamou uma voz entusiasmada.

Na carroça seguinte, mulheres de máscara seguravam gaiolas enormes. Lá dentro, havia pássaros feitos totalmente de flores de árvore-de-osso. Saltavam e piavam, até que as mulheres lhes abriram as gaiolas. Os pássaros floridos levantaram voo, e a multidão aplaudiu quando eles subiram ao céu, raios de pétalas lilases cortando a escuridão.

Claris viu um deles pousar no ramo de uma árvore. Piava, balouçando-se alegremente, enquanto um silêncio expetante

caía. Depois ouviu-se um som seco como um tiro de pistola, e houve uma enorme rajada de flores contra o céu noturno. As pétalas voaram e rodopiaram, alegremente vivas; Claris libertou um suspiro vindo do fundo do coração.

Dos telhados e dos peitoris, dos postes de iluminação e dos ramos das árvores, pássaros floridos explodiam em vagas de pétalas esplêndidas. A multidão espantava-se e aplaudia. Claris avistou a mãe, que tinha os olhos cheios de luz e cor. Dirigiu-se para ela, mas depressa se distraiu.

— É a Rainha-Pirata! — gritou um miúdo, no meio da multidão.

Da carroça seguinte, uma mulher corpulenta de calças, casaco de seda e lenço na cabeça acenou às crianças. Pendurados no seu cinto estavam cinco bonecos falsos, tributo à história da Rainha-Pirata: traída por outros quatro lordes-piratas, ela apoderou-se dos seus bonecos como castigo e tornou-se na corsária mais temível da história de Wreathenwold. Dos baús do tesouro, a Rainha-Pirata atirava moedas de coco.

O Desfile Extraordinário trazia mais figuras do folclore de Wreathenwold. A seguir à Rainha-Pirata vinha uma mulher vestida como a Pega de Duas Cabeças, depois a Lyly Eu-Nunca, e ainda os Meios-Ursos de Wychbrooke. Cada um tinha a sua própria história, contada da melhor maneira no livro preferido de Claris, *O Livro das Histórias Quase Inacreditáveis*, de Mildred Fogge.

O desfile continuou, com percussionistas e flautistas, figuras dos contos de fadas e do folclore. Claris nunca tinha

visto a sua rua tão alegre. Os vizinhos dançavam e batiam palmas, e as crianças andavam tontas, empanturrando-se de moscas de açúcar e escrevendo os seus nomes com os bastões que lançavam brasas, enquanto as flores continuavam a flutuar em remoinhos.

— *Claris!*

Era um sussurro agudo, cortante como uma faca, que a surpreendeu. Virando-se, viu uma criança no espaço entre duas casas. O rapazinho era um pouco mais baixo do que ela, vestido com farrapos e tinha algo na cara que depressa gelou Claris até ao fundo da alma.

Era uma máscara de caveira, de pedra clara. Os olhos verdadeiros do rapaz estavam metidos nas órbitas, como se se tivessem fundido com aquele rosto. A boca era ainda mais assustadora: uma boca de esqueleto, sem lábios, com fileiras de dentes finos e duros.

A criança mascarada deu um passo atrás, escondendo-se nas sombras e chamando Claris na sua direção. Seguir aquele rapaz assustador na escuridão pareceu uma má ideia, mas a curiosidade de Claris foi mais forte. Aproximou-se um pouco mais, mas manteve-se à entrada da passagem, num sítio onde pudessem vê-la.

— Quem és tu? — perguntou.

— Não sei o meu nome — sussurrou o rapazinho.

A máscara de caveira, branca como giz, brilhava nas sombras.

— O que queres dizer? E o que é essa máscara? Porque é...

— Parte da minha cara? — terminou o rapaz. — Pela mesma razão por que não sei o meu nome. Sou uma das crianças perdidas do Solstício de Verão. Chamam-nos arrebatados.

Clarís engoliu em seco. Era uma história que ela conhecia bem. Agatha Drake, a Bruxa do Solstício de Verão, e os arrebatados... De certeza que aquilo não podia ser *verdade*.

— Isso é apenas um conto de fadas — disse ela.

— Parece-te que sim? — perguntou o rapazinho.

Clarís estremeceu, lutando contra a vontade de voltar a correr para junto da multidão. A compaixão prendeu-a ao lugar.

— Como é que sabes o meu nome? — perguntou.

— Andávamos a observar-te — respondeu o miúdo da máscara.

— Porquê? — questionou Clarís, horrorizada com aquela ideia.

— Só somos livres de passear por Wreathenwold durante o mês do Solstício de Verão — explicou o rapaz. — Usamos esse tempo para procurar alguém que possa salvar-nos. Uma criança corajosa, inteligente e boa. Acreditamos que sejas tu, Clarís.

— Mas *porquê*?

— És especial.

— Não sou nada — respondeu ela, abanando a cabeça.

— Desculpa, mas não posso ajudar.

O medo infiltrava-se-lhe no peito. Recuou em direção à rua, à música e à segurança.

— Por favor... — sussurrou o rapazinho, com uma lágrima a cair-lhe de um olho pela superfície da máscara de pedra.
— Por favor? Somos tantos. Não conseguimos lembrar-nos dos nossos nomes. Das nossas famílias. Vamos ficar assim presos para sempre até que alguém nos salve. Livres apenas no Solstício de Verão. Durante o resto do ano...

Interrompeu-se com um arrepio. Claris não teve coragem de perguntar mais pormenores sobre onde é que os arrebatados passavam o resto do tempo.

— Não há nada que eu possa fazer, desculpa — repetiu ela.

O miúdo da máscara ficou arrasado.

— Podes salvar-nos — sussurrou ele. — Podias só... pensar nisso, por favor? Acreditamos que és aquela que pode finalmente libertar-nos. Estarei à porta da tua casa à meia-noite. Se continuares a não querer vir, deixamos-te em paz.

Claris tinha a cabeça a andar à roda. Desorientada e assustada, recuou até deixar de ver o rapazinho e juntou-se à multidão. O seu coração batia com força, como os tambores do desfile.



Não demorou muito até o chefe da banda chegar ao outro extremo da rua, conduzindo o desfile em direção ao próximo ramo do labirinto. A multidão acompanhou-o, aplaudindo e aclamando, e amontoando-se junto do arco para se despedir. Muito poucos o seguiram para lá da esquina;

nem mesmo o desfile valia a pena o risco de nunca mais conseguirem voltar para casa.

Clarís juntou-se à multidão, ainda abalada pelo encontro com o arrebatado. Crianças continuavam a lutar pelas últimas moscas de açúcar, e um rugido poderoso elevou-se no ar quando os últimos pássaros floridos voaram bem alto e se desfizeram em grandes chorões de pétalas. A música foi ficando cada vez mais distante, até que o último membro da banda deixou de se ver. O som dos tambores e das flautas foi diminuindo gradualmente, e Clarís deixou de o ouvir. As crianças mais pequenas começaram a chorar.

Um braço passou por cima dos ombros de Clarís.

— Vem, pintainha — disse a mãe. — Já para a cama.

Foi conversando enquanto a deitava, certificando-se de que a filha tinha visto todas as coisas maravilhosas que o desfile tinha para oferecer. Clarís fazia o possível para responder com entusiasmo, mas o rapaz com a máscara de caveira enchia-lhe os pensamentos.

— Estás exausta — disse a mãe, confundindo a seriedade de Clarís com cansaço. — Agora, dorme. É uma ordem.

Beijou-lhe a testa e levantou-se para sair. Mas antes de o fazer, Clarís saiu-se com uma pergunta.

— A história da Agatha Drake e dos arrebatados é verdadeira?

A mãe fez um sorriso largo e paciente, prendendo-lhe o cabelo atrás da orelha.

— Acho que não, pintainha — disse ela. — É apenas um velho conto de fadas. Não tens nada a temer. Garanto-te.

— Mas e se *fôr* verdade? — insistiu Claris. — Aquelas pobres crianças, enganadas pela bruxa.

— O que te fez pensar nisso?

Claris fechou-se em copas. A mãe nunca acreditaria nela sobre o arrebatado. Nem ela própria sabia se acreditava.

— É apenas uma história — disse a mãe. — Como todas as outras histórias que a Mildred Foggie escreveu. Não são reais, mas ainda assim querem dizer qualquer coisa. Quem sabe? Talvez tenha mesmo existido uma pessoa real chamada Agatha Drake. Mas isso já teria sido há muito tempo, pintainha. E tenho as minhas dúvidas de que fosse uma bruxa.

Inclinou-se para dar mais um beijo e uma festa suave na testa de Claris. Depois, apagou a lamparina a petróleo, que desapareceu com um tremor e um fio de fumo.

No escuro, Claris fez o possível por acreditar na palavra da mãe. Mas, por mais que tentasse, todos os seus pensamentos se voltavam para o rapazinho arrebatado. A sua máscara de pedra branca, os seus apelos desesperados, a sua convicção de que Claris era especial e que podia libertar os arrebatados da sua maldição.



Quando a meia-noite chegou, Claris saiu nervosamente da cama e espreitou pela janela do quarto.

Parado na rua, com a máscara virada para a janela dela, estava o rapazinho arrebatado. Era mesmo pequenino, muito frágil e parecido com um ratinho, nas suas roupas

esfarrapadas. Ao ver Claris, fez um aceno esperançoso e hesitante. Poderia ela deixá-lo — a ele e a todos os outros — entregue ao seu destino? E se ela pudesse realmente salvá-los a todos?

Em silêncio, vestiu-se, prendeu Tya à cintura e esgueirou-se para fora de casa.

Depois das cenas esfuziantes de há pouco, a rua parecia espectral à luz pálida do luar. Nas lajes ainda flutuavam pétalas, mas tudo o resto estava imóvel. O arrebatado tinha desaparecido. Claris olhou em todas as direções e, por fim, avistou a máscara de caveira. O rapaz espreitava de um beco ao lado de um negociante de cores, acenando freneticamente.

Apesar de ter a barriga às voltas e do desejo quase incontrollável de voltar a correr para a cama e de se esconder debaixo dos cobertores, Claris seguiu-o.

À entrada do beco, parou. Adiante, havia escuridão profunda e nem sinal do arrebatado.

— Estás aí?

— Sim! — respondeu o rapazinho. — Obrigado por teres vindo. Por aqui...

Claris deu mais alguns passos em frente e, instintivamente, pôs a mão no boneco. De súbito, algo parecia errado, algo que ela não conseguia ver nem identificar.

— Aonde vamos?

— Vou mostrar-te — sussurrou o rapaz.

Mais alguns passos e a determinação de Claris falhou. Ou talvez o bom senso tivesse finalmente triunfado. Ela parou.

— Não gosto disto — disse. — Vou voltar para casa.

— Por favor, não! — pediu o rapaz.

Ela viu-o, mais à frente, com a sua máscara de caveira a brilhar nas sombras. Estendia as mãos, suplicante.

— Precisamos de ti — disse o arrebatado.

Foi então que Claris ouviu um som vindo de algures ali perto.

Tique.

Parecia um relógio. Ou algo mecânico. Claris sentiu o sangue gelar. Mantendo os olhos no miúdo arrebatado, começou a andar para trás.

— Que se passa? — gritou ela.

— Precisamos de ti — repetiu o arrebatado, só que agora já não parecia triste nem desesperado, só objetivo.

Tique. Tique. Tique.

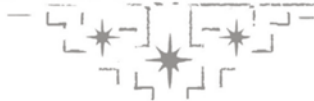
Fosse o que fosse, estava agora mesmo atrás dela.

Claris rodou sobre si própria, a mente num frenesim de pânico e medo. De relance, vislumbrou duas outras máscaras de caveira, olhos humanos a brilhar nas órbitas e bocas esqueléticas numa curvatura maliciosa. Depois, alguém atirou um punhado de pó do sono, o mundo desintegrou-se e Claris não viu mais nada.



*Um liverme é a ruína de qualquer biblioteca.
Quase impossível de capturar, este verme nojento devora
as páginas dos livros — abrindo os seus túneis
precisamente onde as reviravoltas da história
são introduzidas, onde informações vitais são fornecidas
ou onde a solução de um mistério é revelada.*

O LIVRO DAS HISTÓRIAS QUASE INACREDITÁVEIS.
MILDRED FOGGE





CAPÍTULO DOIS

Sobre o rapaz na livraria

Wyvern-on-the-Water tinha apenas uma biblioteca. Fora em tempos a casa de campo de um explorador do século XVIII chamado Smythe, amplamente considerado um dos navegadores mais ineptos que o país já vira. Numa época mais tardia da sua vida, um Smythe embriagado cambaleava pelas ruas de Wyvern-on-the-Water, balbuciando sobre um arquipélago de ilhas-fantasma ao largo da costa, de onde — afirmava ele — vinham gigantes para comer crianças. Após a sua morte, a casa de Smythe foi convertida em biblioteca, embora o seu gabinete — com a sua coleção de mapas errados, cartas delirantes e folhetos sobre lugares que pura e simplesmente não existiam — tenha sido preservado.

Dado que o gabinete era a única curiosidade histórica que Wyvern-on-the-Water tinha para oferecer, não

surpreende que Benjamiah Creek o tenha visitado um monte de vezes durante a sua infância. De meses a meses, a mãe, o pai, a avó e Benjamiah iam ao gabinete de Smythe para ler os diários nos quais este descrevia as suas fantásticas viagens, e as cartas que escrevia a políticos e a editores de jornais alertando-os para a existência de gigantes comedores de crianças.

Depois, iam comer peixe com batatas fritas à beira-rio ou gelados nos dias quentes, vendo as crianças a apanhar caranguejos no cais e os barcos a subir e a descer o rio. Parado no gabinete de Smythe, naquele momento, numa tarde fria de janeiro, Benjamiah sentiu aquelas memórias como uma dor aguda. Os dias dos passeios em família tinham acabado.

O escritório tinha uma forma hexagonal. Nas paredes, havia várias edições emolduradas dos estranhos mapas do explorador: o arquipélago de ilhas com os gigantes raptadores de crianças; uma rede de canais secretos que só se revelavam ao luar; um mapa que supostamente desvendava uma entrada secreta para uma das colinas com vista para Wyvern-on-the-Water, onde a lenda dizia que dormia um dragão.

Benjamiah tinha-se dirigido para o gabinete de Smythe logo depois das aulas, como fazia sempre. Na maior parte dos dias, não era incomum vê-lo ali, baixo e franzino, com o seu cabelo despenteado, olhos castanhos e um nariz que se projetava ligeiramente para a esquerda. Tinha vestido o uniforme da escola, que incluía uma gravata e um *blazer* de um verde-pickle particularmente ofensivo.

A biblioteca de Wyvern-on-the-Water tinha sido o santuário de Benjamiah nos últimos meses, um refúgio no meio da agitação da vida caseira. Agora, o escritório de Smythe fascinava-o. Durante toda a sua infância, tinha achado o homem completamente ridículo. O gabinete do explorador não interessava de todo a Benjamiah, que preferia mil vezes estar na biblioteca principal, a escarpelizar um qualquer livro fascinante sobre arquitetura paisagística ou oceanografia. Mas isso fora antes das aventuras no verão, quando encontrara o seu próprio mundo mágico e impossível.

Enquanto estudava um dos folhetos de Smythe — este explicava como proteger a nossa casa contra gigantes invasores —, Benjamiah ouviu uma tosse atrás de si.

Virou-se e viu Hassaan, um rapaz da escola. Hassaan tinha rosto oval, pele morena, olhos pretos brilhantes e cabelo denso. Estava vestido com o mesmo terrível uniforme verde de Benjamiah, só que a sua gravata estava mais curta e desalinhada e tinha a camisa para fora das calças.

— Tudo bem? — perguntou.

— Olá — murmurou Benjamiah.

Hassaan esboçou um sorriso tímido e afastou-se apressadamente para ir examinar um dos desenhos de Smythe. Estando os dois sozinhos no gabinete, a atmosfera tornou-se mais pesada.

Nos últimos meses, Benjamiah começara a desconfiar de que Hassaan queria ser seu amigo. Por vezes, aproximava-se e caminhava até à escola com Benjamiah, o que para ele — tão tímido e estudioso como o outro rapaz — era um

gesto e tanto. Escusado será dizer que a conversa nunca fluiu propriamente. Mais do que uma vez, encontraram-se na biblioteca; Hassaan sentava-se por perto com o seu próprio livro. Algumas vezes, até oferecia a Benjamiah batatas fritas ou doces quando o bibliotecário não estava a olhar.

Não que Benjamiah fosse especialista em fazer amigos. Era, sem dúvida, terreno incerto e indesejável para ele. Tinha uma melhor amiga, Elizabetha Cotton, de quem sentia grandes saudades todos os dias. Ninguém poderia substituí-la e ninguém poderia preencher o vazio que ela deixara na sua vida. Benjamiah não tinha interesse nenhum num novo amigo, muito obrigado.

Hassaan tossicou de novo, agora muito mais perto de Benjamiah. Estaria doente, ou apenas a tentar chamar a sua atenção? Aquilo era como um campo minado. Não sabendo lidar com a situação, Benjamiah preparou a sua retirada.

— Hum... — disse Hassaan.

Benjamiah virou-se. Hassaan estava mesmo atrás dele, mordendo o lábio inferior, com as mãos enterradas nos bolsos.

— Olá — regurgitou Benjamiah, antes de se lembrar de que já o tinha dito e de se sentir muito estúpido.

— Queria saber se gostavas de vir à minha... — murmurou Hassaan, falando com os seus próprios sapatos.

— Ah — respondeu Benjamiah. — Hum. Tenho de ir ter com a minha mãe...

— Não era agora, mas...

— Talvez noutra altura...

— Sim, fixe — disse Hassaan. — Fixe, tudo bem.

— Sim, fixe — repetiu Benjamiah, desejando estar morto.

O silêncio instalou-se, o mais difícil de que Benjamiah se lembrava. Felizmente, Hassaan quebrou-o.

— Ah, quase me esquecia.

Enfiou a mão na mochila e tirou um baralho de cartas de aspeto usado.

— Disseste... uma vez, quando íamos para a escola, que colecionas cartas? Ou algo assim?

Benjamiah corou. Aquele era um gesto de simpatia que o pasmava. Hassaan não tinha achado estranho que ele colecionasse cartas de jogar; tinha-se lembrado e até lhe tinha comprado um baralho.

— Obrigado, isto é mesmo... — murmurou Benjamiah.

— Vi-o na loja de segunda mão — disse Hassaan, balançando a cabeça.

Benjamiah aceitou-o, agradecido, mas, ainda assim, absolutamente certo de que não queria um novo amigo. Nos últimos meses, tinha-se dedicado a colecionar baralhos de cartas, na expectativa de voltar a precisar deles. Já tinha cinco guardados na mochila.

— Obrigado — declarou de novo, sentindo-se estúpido por não ter mais nada para dizer.

— Certo, bem, é melhor eu ir andando — respondeu Hassaan. — Vemo-nos na escola?

Benjamiah acenou. Quando o rapaz partiu, abriu a mochila e guardou o baralho de cartas, junto a um boneco

de tecido vermelho, semelhante a couro, com um tufo de cordel preto a fazer de cabelo e botões brancos no lugar dos olhos. Cada vez que via o boneco, a sua dor interior ressurgia.

Antes de sair, olhou demoradamente em redor. À sua volta, provas do quanto Smythe sentira a falta dos lugares maravilhosos onde aparentemente estivera, e Benjamiah sabia exatamente como ele se sentira.



Benjamiah dirigiu-se para a margem do rio. A rua principal de Wyvern-on-the-Water era inclinada e sinuosa, feita de paralelepípedos, com vivendas e lojas. Benjamiah passou pelas lojas de utilidades e pelo quiosque, pelo estúdio de cerâmica e pela igreja, pelo restaurante de comida para levar e pela livraria Era Uma Vez. Pela janela, viu a avó a fazer palavras cruzadas ao balcão. Ela não levantou os olhos e ele não entrou.

A mãe e o pai tinham-se separado no verão anterior. O pai e a avó continuaram no apartamento por cima da Era Uma Vez, enquanto a mãe tinha arrendado um pequeno espaço com vista para o cais. Todos se esforçaram por convencer Benjamiah de que aquele acordo não era definitivo. Os pais eram donos da livraria em conjunto, por isso precisavam de tempo para encontrar a melhor forma de seguir em frente. Tanto quanto Benjamiah percebia, a vida balançava entre uma incerteza e outra.

Ele era livre de ficar onde quisesse. Em vez de lhe imporem algum tipo de calendário, os pais incentivavam-no a tomar as suas próprias decisões sobre onde ficar. Era bem-vindo quando e onde escolhesse. Queriam que ele sentisse que tinha duas casas, mas Benjamiah sabia que não tinha nenhuma. A casa da mãe não tinha o cheiro certo e a livraria, sem ela, já não parecia um lar.

A mãe acenou de um banco junto à margem. A maré estava baixa, e os barcos atracados no cais ficavam encostados às elevações de lama pegajosa. Os mastros rangiam com a brisa forte de inverno. O sol estava baixo e não aquecia.

Vestindo o seu grande casaco amarelo, a mãe levantou-se para dar a Benjamiah um abraço um pouco mais longo e apertado do que os de antigamente. Ele ergueu os olhos para lhe retribuir o sorriso, e viu nela as feições — o nariz torto, o cabelo castanho-claro e os olhos cor de café — que dela herdara.

— Como correu a escola?

Caminharam pelo trilho que serpenteava entre a água clara e pouco profunda do rio e a floresta repleta do chilreio dos pássaros. Na outra margem, onde encostas cobertas de urze se erguiam contra o céu azul-claro, dois cavalos deambulavam e baixavam a cabeça para pastar. Falaram sobre a escola, sobre o mais recente trabalho de investigação da mãe — era sobre Titã, uma das luas de Saturno — e sobre se haviam de comer peixe com batatas fritas ao jantar.

Benjamiah não falou muito. Há pouco tempo, a escola, astronomia e filetes de bacalhau panados representariam

um grande dia para ele. Agora, isso já não o entusiasmava. Nada o fazia.

— Está tudo bem, Ben? — perguntou a mãe.

Benjamin encolheu os ombros. Absolutamente *nada* estava bem. O seu mundo agora era estranho e como que avariado; o outro mundo, aquele do qual sentia falta com cada fibra do seu ser, estava perdido e fora do seu alcance.

— Gostava de saber o que o Hansel está a fazer agora — respondeu ele.

A reação da mãe foi instantânea. Imobilizou-se, os lábios numa linha apertada enquanto fazia um ruído evasivo em resposta.

Ao princípio, quando Benjamin falava de Wreathenwold, a mãe era uma parceira entusiasta. Tinham conversado em voz baixa e alegre sobre o chá de melão e a sopa de abobalofa, sobre os porta-te-mal, os bonecos e as majestosas árvores-de-osso. Embora Benjamin não tivesse contado à mãe tudo sobre a sua aventura com Elizabella, encantou-a com os seus pontos altos — e menos perigosos —, que ela ouviu de olhos arregalados, em êxtase e animada.

Mas, com o tempo, tornou-se mais contida sempre que o assunto vinha à baila. Desviava a conversa, como se tentasse diminuir o entusiasmo de Benjamin por Wreathenwold, fazendo tudo para desviar o assunto para *este* mundo: para a escola, para os livros, até para o tempo. Era mais uma coisa que Benjamin não conseguia compreender.

— Gostavas de poder vê-lo outra vez? — perguntou ele.

— Hem?

— O Hansel. Gostavas de poder vê-lo outra vez?

— Não sei.

— Eu gostava — disse Benjamiah. — Antes de me vir embora, ele tinha-se gabado do seu guisado de sanchas. Disse que era o melhor de Wreathenwold, mas nunca cheguei a prová-lo. Tu provaste?

— Ben...

— Alguma vez visitaste uma rua dos Originais? São como pequenas florestas e...

— Chega, Ben!

Foi alto o suficiente para que Benjamiah ficasse espantado. A mãe falava sempre suavemente e quase nunca levantava a voz. Tinha uma forma de prender a atenção e o respeito que nunca passava por gritar. Benjamiah levantou os olhos e encontrou uma expressão de pânico no rosto da mãe. Ela respirou fundo e devagar, enquanto olhava para a água. Até os cavalos do outro lado do rio os miravam, assustados.

— Porquê? — perguntou Benjamiah. — Porque é que chega?

— Tu vives *aqui*, Ben.

A mãe pôs as mãos no rosto de Benjamiah e aproximou a cara da dele. O medo tinha-lhe alterado os olhos.

— Eu sei disso — disse ele. — Mas isso não quer dizer que Wreathenwold não seja real. Porque não podemos falar sobre o assunto? Não é como se eu pudesse ter esta conversa com mais alguém.

— Talvez seja melhor deixarmos de falar de todo — disse a mãe.

— Porquê?

— Porque o teu lugar é *aqui* — continuou ela, da forma mais carinhosa possível. — Por inteiro, incluindo a tua cabeça, o teu coração e a tua imaginação. O tempo que gastas a pensar em Wreathenwold é tempo perdido, Ben.

— Então, tu *nunca* pensas nisso?

— Não. Desde que percebi que não há forma de voltar. Sinto-me feliz que o tenhas visto, Ben. Sinto mesmo. Mas está na altura de o deixar ir.

— Não quero — respondeu Benjamiah.

— Tem de ser! — A voz da mãe subiu de tom outra vez. — Não podes voltar, Benjamiah. Nenhum de nós pode. Não sei porque é que uma porta se abriu para ti, mas não há absolutamente razão nenhuma para pensares que vai acontecer outra vez. E eu sei, Ben. Não achas que desejei voltar para casa? Que procurei, durante anos e anos, um caminho de regresso? Não achas que *sofri*, Ben? Não quero isso para ti.

Um bando de pássaros levantou voo de uma árvore próxima. Havia grilos a cantar na erva alta. De súbito, Benjamiah sentiu-se totalmente exausto.

— Podias ter-me convencido — disse ele.

— Como assim?

— De que o meu lugar é aqui. — Sacudiu as mãos da mãe do seu rosto. — Mas não o sinto. Já não pertenço a sítio nenhum.

Virou-se para se ir embora.

— Ben, por favor? — chamou a mãe.

Benjamiah parou, com lágrimas no canto dos olhos e o coração pesado de tristeza. A mãe aproximou-se e envolveu-o num abraço longo e apertado. Ficaram assim durante algum tempo, até ela dizer que estava na hora do peixe com batatas fritas.



Benjamiah acordou de repente a meio da noite.

Sentia no peito uma vaga e estranha excitação. Sentando-se, com o fino manto do sono a dissipar-se, olhou em volta. Demorou um momento a perceber onde estava: não no seu antigo quarto por cima da livraria, mas no novo quarto no apartamento da mãe, junto ao cais. Este ainda não estava muito personalizado, tinha apenas alguns mapas estelares e uma tabela periódica colados na parede. Na mesa de cabeceira estava um livro: *Jamima Cleaves e o Devorador de Livros*. Elizabetha dera-o a Benjamiah, e desde então ele lera-o quatro vezes. Era o tipo de livro que nunca teria comprado antes de Wreathenwold; mas agora não se cansava de histórias sobre magia e aventuras épicas.

Trapalhão estava sentado, apoiado na mesa de cabeceira, sem vida. Exatamente onde Benjamiah o deixara, como fazia todas as noites. A excitação que o acordara deu lugar a uma tristeza familiar. Estivera a sonhar com Wreathenwold, com Trapalhão esvoaçando, em forma de noitibó, vivo, a cantar e maravilhoso. Mas fora apenas um sonho.

— Trapalhão? — chamou Benjamiah.

Nada. Antes, sentira a presença viva e vibrante do boneco dentro da sua cabeça, mas agora nela existia apenas um enorme vazio.

— Por favor...

Estendeu a mão e agarrou o boneco, apertando-o com força e mordendo o lábio inferior de tal maneira que este começou a picar. A sua mente debatia-se, tensa, contra absolutamente nada. Trapalhão não voltaria à vida.

— Tenho mesmo muitas saudades tuas — disse.

Continuou sem acontecer nada. Talvez a mãe tivesse razão. Talvez ele nunca mais lá voltasse. *Não achas que sofri, Ben?* E agora era a vez de ele sofrer. Ali sentado, com o seu pijama de xadrez, agarrado ao boneco sem vida, Benjamiah pensou — não pela primeira vez — em como tudo aquilo era horivelmente injusto.

Estava a escorregar de novo para debaixo dos lençóis quando ouviu um rangido vindo da divisão ao lado. Calçando os chinelos, esgueirou-se através das sombras silenciosas do apartamento da mãe. Da entrada da sala, viu que a porta da varanda estava aberta. A mãe estava sentada lá fora, aconchegada no seu fôfo roupão branco, e segurava algo nas mãos.

Que fazia ela ali? Era noite cerrada e estava um frio de morrer. Benjamiah viu que a respiração da mãe se transformava em vapor. Avançou, sem saber se devia perturbá-la. O que *era* aquilo que ela tinha nas mãos? Algo liso e claro, com bordas irregulares e um buraco no meio. Parecia um fragmento de cerâmica.

Sem se aperceber da presença de Benjamiah, a mãe levantou o estranho objeto à frente do rosto, junto aos olhos, mas sem que lhe tocasse na cara. Depois, olhou através dele, em direção ao céu negro salpicado de estrelas.

— O que é isso? — perguntou Benjamiah.

A mãe assustou-se, como se tivesse ficado em pânico, e guardou rapidamente o estranho objeto no bolso do roupão.

— Ben! Pregaste-me um susto.

Benjamiah dirigiu-se à varanda para se juntar a ela. O ar estava terrivelmente frio. Os barcos rangiam no cais escuro, lá em baixo. A mãe parecia muito nervosa, o que o assustou; ela era normalmente muito controlada.

— Pensei que estivesse a dormir — disse ela.

— O que era essa coisa?

— Oh, nada — disse a mãe. — Anda, vamos voltar para a cama.

Levantou-se, tentando que Benjamiah a seguisse para dentro.

— Deixa-me ver — insistiu ele.

— Não é nada, querido.

— Porque é que estás a mentir?

— Benjamiah. Já chega.

Como acontecera antes, aquilo foi dito com uma intensidade de que ele não estava à espera. Embora a mãe parecesse arrependida, havia uma determinação feroz no seu olhar que se recusava a suavizar. O que quer que fosse aquele objeto, ela não estava preparada para falar dele.

O que, pensou Benjamiah, só podia significar uma coisa. Afastou-se da mãe sem dizer mais nada, correu para o quarto e fechou a porta. Atirou com os chinelos e enrolou-se na beira da cama, com os pensamentos num furacão.

A mãe nunca se recusara a responder a uma pergunta de Benjamiah. De facto, ela sempre encorajara a sua curiosidade em todas as fases da vida. Explicava e fazia luz sobre qualquer mistério que ele lhe colocasse — por mais estranho que fosse —, de forma clara, paciente e alegre. Só havia um motivo para a mãe se recusar a falar-lhe acerca do objecto através do qual espreitava.

Viera de Wreathenwold.

Benjamiah Creek vive agora dividido entre a realidade e a saudade da magia de Wreathenwold. No entanto, o regresso acontece assim que Benjamiah encontra uma estranha máscara de caveira feita de pedra.

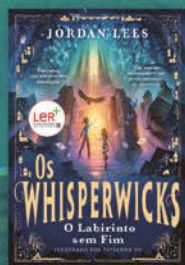
Em Wreathenwold, Benjamiah descobre que durante o Festival do Solstício de Verão estão a desaparecer crianças, que regressam com máscaras de caveira e apelidando-se de «Os Arrebatados».

E o pior, ficam presas entre dois mundos!

Será que, com a ajuda de novos aliados e o regresso de Trapalhão, o seu boneco encantado, Benjamiah vai conseguir quebrar a Maldição dos Arrebatados?

**O tempo está a esgotar-se.
O Solstício não tarda a terminar.**

Não podes deixar
de ler o início desta
incrível aventura!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt

penguinkidspt

ISBN: 978-989-583-493-8



9 789895 834938